

A CRISE MUNDIAL DOS ALIMENTOS E A MANIPULAÇÃO DO DISCURSO MIDIÁTICO: UMA ABORDAGEM À LUZ DO DIREITO FUNDAMENTAL À ALIMENTAÇÃO*

*Daury Cesar Fabriz***

*Roberto Martins de Oliveira****

*Luiz Eduardo Abreu Hadad*****

INTRODUÇÃO

Busca-se, por meio deste artigo, indicar alguns dos fatores imbricados na formação da atual crise mundial dos alimentos e, a partir desta apresentação, postular uma análise comparativa entre os discursos proferidos na mídia nacional e estrangeira, em busca da relação entre os argumentos apresentados no campo midiático e os interesses econômicos e/ou políticos hegemônicos em cada país. Com isso, espera-se descobrir as diferentes estratégias utilizadas para persuadir os receptores

* Artigo produzido a partir de pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa Estado, Democracia Constitucional e Direitos Fundamentais.

** Doutor e Mestre em Direito Constitucional pela FD/UFMG. Coordenador e professor do Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais da FDV. Professor Adjunto do Departamento de Direito da UFES. Presidente da Academia Brasileira de Direitos Humanos.

*** Mestre em Direitos e Garantias Constitucionais Fundamentais pela Faculdade de Direito de Vitória (FDV); licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

**** Graduando de Direito da FDV, integrado ao núcleo temático "Democracia Constitucional, Estado e Direitos Fundamentais".

das mensagens midiáticas, e, com isso, desvendar os vínculos contidos em tais posicionamentos, bem como suas contingentes consequências na formação da opinião pública, numa sociedade cada vez mais interlocutora com o convencimento praticado em tais reportagens.

Quanto ao aspecto social da crise, não se pode esquecer seu caráter global, que já levou milhares de pessoas a fazerem manifestações em vários países como México, Indonésia, Argentina, Índia, Etiópia, Costa do Marfim, Senegal, Maurítânia, Egito e Haiti. Estes três blocos continentais – África, América Latina e Ásia, formam os chamados países periféricos do capitalismo. São estes os países que, de forma geral, apresentam os maiores índices de subdesenvolvimento, têm as populações mais afetadas com tal crise, e dependem da ajuda dos países chamados desenvolvidos. Dada a gravidade e a globalidade desta crise alimentícia, não é possível esperar soluções locais com a devida urgência, pois os países periféricos possuem economias fracas e dependentes.

Tendo em vista o descrito contexto, vamos analisar, além da mídia brasileira, notícias da mídia eletrônica de alguns países centrais do capitalismo, aqueles que em tese teriam mais condições de custear as ajudas financeiras e também pleitear regulamentações imprescindíveis para resolver o fenômeno da crise em tela. Iremos estudar especificamente exemplares da mídia alemã, inglesa e norte-americana, pois, além destas nações serem potências econômicas e políticas, possuem diferentes interesses geopolíticos e, por isso, não esperamos colher como resultado a ambivalência nos seus discursos midiáticos.

O discurso da mídia, na chamada era da informação, consubstancia-se num recurso cada vez mais importante na formação de opinião pública. Como grande parte dos países ocidentais vive em sistemas formalmente democráticos – imbuídos na consagração da liberdade de informação – a mídia torna-se, em certa medida, um instrumento fundamental no aperfeiçoamento ou na deturpação do Estado Democrático de Direito. O nível de aparelhamento ideológico da mídia tende a ameaçar o espírito democrático, arrefecendo o direito à informação e, conseqüentemente, comprometendo a atuação política dos cidadãos pelo desconhecimento real dos fatos. Nesse sentido, demonstrar-se-á neste artigo o quanto as mídias de massa normalmente encontram-se

vinculadas aos grupos hegemônicos de cada Estado, embora conectados com agendas globais, ditadas pelos poderes extraterritoriais econômico-financeiros.

Visando garantir sua credibilidade e a legitimidade do Estado, os entes midiáticos locais, sem perder suas conexões planetárias, buscam selecionar o assunto a ser discutido ou a lente com que certas problemáticas são vistas de acordo com os interesses atinentes com os principais grupos de pressão regionais. Mas, é bom salientar que nem sempre a mídia está alinhada com os interesses dos que exercem hegemonicamente o poder, pois existem veículos preocupados com a exposição mais próxima da imparcialidade, ou ainda aqueles que estão veiculando as notícias de acordo com um foco alternativo de ideologia. Entretanto, é certo que na maioria das vezes a mídia é fiel ao mercado e ao poder financeiro.

Ao interpretarmos criticamente as reportagens que serão citadas, iremos perquirir como alguns discursos midiáticos legitimam, preferencialmente, as molduras cognitivas que favorecem os grupos econômicos extraterritoriais, provisoriamente sediados nos países desenvolvidos, mas que ao menor risco possuem a proeminência de alçar voo ao juridicamente inalcançável, pelo menos segundo o paradigma moderno da soberania estatal. A pressão exercida por tais grupos faz com que a crise que causa fome mundial seja agravada, ao invés de solucionada, de acordo com valores especulativos e/ou interesse de domínio do mercado.

Ademais, investigaremos o lado paradoxal dos grandes grupos midiáticos que, necessitados de legitimação discursiva, não deixam de abrir a possibilidade para as contra-argumentações. Assim, nos conciliaremos com o paradigma dialético conforme a teoria da relativa autonomia dos campos sociais sustentada por João Pissara Esteves.

Para compreendermos as argumentações, primeiro serão expostos os motivos da crise que aqui tratamos.

A PROBLEMÁTICA

Os motivos desta crise, de acordo com o *site* da Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação (FAO, 2008) são:

- 1 - Aumento da demanda em países como China e Índia. Em vinte anos o consumo de carne por pessoa na China subiu de 20 para 50 kg por ano. Para produzir 1 kg de carne são necessários 7 kg de grãos para ração animal.
- 2 - Aumento da produção de biocombustíveis: 100 milhões de toneladas de grãos são usadas para fazer etanol todos os anos. E ainda o crescente aumento da demanda de biocombustíveis, financiados por subsídios.
- 3 - Especulação nos mercados internacionais de futuros.
- 4 - Aumento dos preços do petróleo, frete e fertilizantes.
- 5 - Algumas nações europeias dão subsídios agrícolas, que somados chegam a US\$326 bilhões por ano - 58% do valor de toda a produção agrícola do Brasil.
- 6 - Baixo nível dos estoques mundiais (principalmente trigo e milho) depois de dois anos de colheitas abaixo da média na Europa (2006 e 2007). É o nível mais baixo em trinta anos.
- 7 - Perdas de colheitas em grandes países produtores, como a Austrália, em 2006 e 2007, por fatores climáticos como secas e inundações.

Estes fatores foram estudados por *experts* na temática e poderiam ser utilizados como argumentos de autoridade por qualquer veículo de comunicação do mundo, visto que compõem um documento oficial da ONU, entidade de direito público internacional com notório prestígio e reconhecimento internacional na catalogação e divulgação de dados estatísticos sobre os índices de desenvolvimento humano.

O curioso é que, como iremos observar no tópico seguinte, enquanto algumas das informações acima mencionadas não foram sequer citadas nas reportagens em análise, outros argumentos foram exaustivamente utilizados. Isto nos leva a entender que alguns veículos de comunicação estão em defesa de interesses específicos, definidos *a priori*, ao invés de preocupar-se em transmitir ao receptor das notícias todo o elenco de reais fatores que criaram e tornaram esta crise tão devastadora. Nas palavras de João Pissara Esteves, tal comportamento expressaria uma crise ética da atuação midiática no seguinte sentido (ESTEVEES, 1998, 21):

[...] a gênese do mal-estar ético que atinge as nossas sociedades situa-se numa certa descontinuidade ou dessintonia entre as mediações simbólicas postas em cena pelos modernos dispositivos técnicos e uma verdadeira comunicação prosseguida em termos intercompreensivos [...]

A pretensa coincidência entre o espetáculo exibido pela mídia e o mundo dos fatos reais tem subjacente certo convencimento estruturado segundo a lógica do tecnicismo. Esta objetividade do conhecimento se expressa na conferência à tecnologia de um valor supremo inquestionável – uma forma de deificação da precisão tecnológica que prefigura a sociedade da informação. Corroborando para o aprofundamento da questão, João Esteves¹ entende que:

A capacidade de os media prolongarem no tempo e no espaço as formas simbólicas proporciona o estabelecimento de relações sociais sem necessidade de os indivíduos se encontrarem presentes uns perante os outros. Ao contrário das formas de interação convencionais, a interação desencadeada pelos media não exige a partilha de um mesmo contexto espaço-temporal pelos seus participantes, tomando assim a forma de uma «quase-interacção» (THOMPSON, 1990).

Outro contraste marcante entre estas duas formas de interacção é a *assimetria estrutural* que se verifica entre os participantes da quase-interacção originada pelos media, virtude de aqui se operarem fluxos de comunicação tendenciosamente unidireccionais. As consequências são imediatas no modo como os participantes desta interacção se comportam uns perante os outros, consoante assumem o estatuto de «comunicador» ou de «receptor»: estas posições investidas *a priori* com marcas distintivas de poder, condicionando assim determinantemente os agentes sociais que as ocupam, através do estatuto moral que lhes é reconhecido ou das trajetórias sociais que são postas à sua disposição.

O jornalismo representa, em função da sua própria natureza, o setor da mídia mais comprometido com a veracidade das informações. Porém, isso não faz do produto jornalístico uma reprodução imparcial da realidade. Em qualquer atividade cognitiva humana, e não poderia ser diferente com a jornalística, a construção do conhecimento se dá pela interação entre o mundo dos fatos e os instrumentos de averiguação concebidos pelo sujeito cognoscível. De uma forma geral, há na relação entre o jornalista e o objeto cognoscível certo grau de subjetividade, definido especialmente pela interferência dos valores morais daquele que produz as notícias, ou no nível de emotividade com que se relaciona a elas.

A imparcialidade da atividade jornalística traduz-se em mito, um dogma doutrinário, dada as vinculações orgânicas entre as atividades

do intelectual da informação e os segmentos sociais que almejam o “uso útil”, unidirecional, da sua veiculação. Porém, a maneira como a legitimação do produto jornalístico se processa, por meio da apresentação do seu conteúdo como imparcial, representa uma condição *sine qua non* de autoridade ética, irremediavelmente anexada à validade da informação. Os elementos fundamentais dessa legitimação podem ser postos, nas palavras de João Esteves², do seguinte modo:

É com base neste forte escoramento social que se verifica a autonomização e a consolidação do campo dos media, concretizadas ao nível interno do próprio campo por um funcionamento ditado pelos regimes da *visibilidade* e da *transparência*. Mas além disso, a legitimidade do campo requer outras condições internas de sustentação, nomeadamente o desenvolvimento de um *potencial tecnológico* de comunicação e a formação de um *corpo social* próprio (detentor de um saber específico e especializado na manipulação desses mesmos dispositivos tecnológicos).

Diante da necessidade de legitimação discursiva, constantemente renovada pela reafirmação do discurso da imparcialidade, e ao mesmo tempo dos compromissos orgânicos dos agentes midiáticos, a mídia jornalística nos fornece o espetáculo do contraditório tecnicista, no qual os debatedores arrotam “verdades” tecnicamente inquestionáveis, porém, diretamente contraditórias. E é a partir da evidência dessa contradição que se pode perceber o como as molduras cognitivas da informação jornalística encontram-se ajustadas aos interesses hegemônicos em cada Estado.

OS DIFERENTES DISCURSOS

O DISCURSO BRITÂNICO

Neste tópico, os discursos midiáticos serão analisados e relacionados aos norteadores indicados pela FAO, de modo que tentaremos explicar por que alguns argumentos foram suprimidos, e outros muito explorados, de acordo com as posições e os seus interesses hegemônicos subjacentes.

Primeiro será analisado o discurso da mídia britânica, através dos portais eletrônicos *The Guardian* e *Forbes.com*, este proveniente da revista universitária *Oxford Analytica*. Observe-se, neste sentido, os argumentos fornecidos pela jornalista Aditxa Chakraborty³:

Reportagem secreta: biocombustíveis causaram a crise dos alimentos. Biocombustíveis aumentaram os preços de comida em 75% - muito mais do que o estimado anteriormente - de acordo com uma reportagem confidencial feita pelo Banco Mundial, que foi conseguida pelo Jornal *The Guardian*.

“Desde abril, toda a gasolina e o diesel na Inglaterra tiveram de incluir 2,5% de biocombustíveis. A União Europeia está considerando aumentar essa percentagem para 10% até 2020, mas esta proposta enfrenta as atuais evidências de que isto irá apenas aumentar o preço dos alimentos.”

“A produção de biocombustíveis desordenou o mercado dos alimentos em três maneiras centrais. Primeiro fez com que a produção alimentícia estivesse a serviço da indústria dos combustíveis, com mais de um terço do milho produzido nos EUA destinado à produção de etanol, enquanto a metade dos óleos de vegetais da União Europeia são destinados à produção de biodiesel. Segundo, que os agricultores são incentivados a plantar visando à indústria dos biocombustíveis ao invés do mercado alimentício. Terceiro, que esta prática vem aumentando a especulação financeira sobre os grãos, o que gera aumento dos preços (tradução nossa).

A seguir, observem-se ainda as motivações indicadas na revista *Oxford Analytica*.⁴

Falta de comida aumenta com os preços.

Uma combinação de fatores causou esta alta dos preços:

Alta no preço do petróleo. O preço do petróleo aumentou mais rapidamente do que o dos alimentos desde 2005, e vem puxando-os junto desde então. A agricultura comercial moderna depende muito de petróleo, pois este é utilizado em fertilizantes químicos, e como combustível para máquinas produzirem e transportarem alimentos.

O crescente preço dos biocombustíveis encoraja a utilização do milho e outros grãos. Os subsídios propiciados pelo governo americano incentivam ainda mais tal a produção. Isso reduz a quantidade disponível para consumo como comida.

Especulação: a alta dos preços forçou a especulação do valor das commodities em mercados futuros, exacerbando a aumenta de preços. Investidores que pretendem investimentos mais longos em mercados conturbados estão investindo na agricultura. Por exemplo, o trigo esse ano se tornou um excelente investimento para investidores e analistas financeiros. O mercado de futuros reforçou a tendência: com a previsão de que os alimentos iriam subir de preço, o trigo apareceu como a aposta mais segura para investidores nos anos futuros – o que aumenta esta previsão dramática. Pois o trigo vem mostrando menos volatilidade do que o milho e a soja. (Tradução nossa)

Como é fácil observar, a imprensa britânica falou brevemente de todos os temas. Entretanto, a manchete do Jornal *The Guardian* explicita uma posição unidirecional em função de chamar mais a atenção para um tema: os biocombustíveis.

O que manifesta diferença no trato do assunto pelos dois referidos entes midiáticos, e isso certamente tem a ver com o destinatário dos noticiários, bem como o uso político que se pretende fazer delas. As reportagens da *Oxford Analytica*, destinadas ao público universitário, ou mais incluso no círculo acadêmico, realizam um apanhado mais plural dos motivos elucidados pela FAO, e desenvolve a argumentação levando em conta todos igualmente.

O noticiário do *The Guardian*, por outro lado, utiliza meios sutis para propiciar uma opinião superficial junto aos leitores. O principal desses meios é a manchete, que diz: “Reportagem secreta: Biocombustíveis causaram a crise dos alimentos”. Este título chamativo produz no leitor uma influência, mesmo que preliminar, de que este é o argumento válido, de que, por esta reportagem ser secreta ela possui mais relevância, pois é exclusiva, é um “furo” jornalístico. Com isso, impõe-se ao público, sutilmente, que os biocombustíveis são os maiores culpados. Daí dar-se maior destaque à argumentação feita para “incriminar” os combustíveis alternativos.

Ao analisarmos os argumentos retirados das reportagens, podemos perceber que o discurso se modifica de acordo com o alvo do noticiário, pois no trato da mesma temática os jornais diferem até mesmo quanto ao vocabulário. Enquanto para o Jornal *The Guardian* a produção de biocombustíveis “desordenou o mercado de três maneiras”, para a Oxford

Analytica, a produção de biocombustíveis apenas “reduziu a quantidade disponível de comida”. Ou seja, para a grande massa os biocombustíveis desordenam o mercado, enquanto para os universitários – grupo mais seletivo e letrado – este argumento é utilizado de maneira complementar, quase despercebida, em um único parágrafo.

Pergunta-se: quais interesses estarão por trás da *mass media* britânica? Por que atacar os biocombustíveis? Por que a mídia universitária deu ênfase a argumentos diferentes? Estas são algumas das questões que esperamos responder na conclusão deste trabalho.

O DISCURSO DA MÍDIA AMERICANA

Para analisarmos a mídia americana, fomos à revista eletrônica do portal *Financial Times*, revista de renome no meio financeiro, e analisamos o discurso dos colunistas desta revista, inclusive o presidente do Banco Mundial, Robert Zoellick – que também foi publicado no site www.ft.com. Nos discursos dos colunistas americanos, veremos uma tentativa de amenizar o papel dos biocombustíveis e do mercado. Todos clamam confiança às organizações mundiais para resolver o problema, através da negociação entre países e do estímulo ao aumento da agricultura – soluções de cunho liberal e que afastam os biocombustíveis da problemática.

Os interesses em resolver a crise de forma “liberal” são amplamente questionáveis – pois o mercado já mostrou suas falhas por diversas vezes, e uma crise importante como esta dos alimentos não pode ser subestimada, inclusive no sentido de que a livre disposição dos mecanismos de mercado pode ser uma das causas mais relevantes desta problemática. Segundo Bauman, a condição humana de incerteza na pós-modernidade decorre fundamentalmente do enfraquecimento das instituições públicas no controle das forças de mercado. Para este autor:⁵

[...] Em vez de cerrar fileiras na guerra contra a incerteza, praticamente todos os agentes institucionalizados eficientes de ação coletiva juntam-se ao coro neoliberal para louvar como “estado natural da humanidade” as “forças livres do mercado” e o livre comércio, fontes primordiais da

incerteza existencial, e insistem na mensagem de que deixar livres as finanças e o capital, abandonando todas as tentativas de frear ou regular os seus movimentos, não é uma opção política dentre outras mas um ditame da razão e uma necessidade.

Além disso, é admissível que o “protecionismo midiático” em relação à culpa dos biocombustíveis americanos nesta crise seja decorrente dos grandes incentivos, feitos pelo governo americano, às empresas deste setor. Estas corporações pretendem vender o etanol, feito de milho, para o resto do mundo, a preços tão competitivos quanto o do etanol feito de cana de açúcar. Para tal, além de subsídios governistas, é necessário que o mundo compre tais combustíveis – de modo que a tecnologia torne-se financeiramente sustentável. Entretanto, se esta forma de produção figurar definitivamente no rol de causas para a crise dos alimentos, ela poderá gerar no público externo a impressão de que, ao consumirem este produto, estarão “financiando” a troca de alimentos por combustíveis. Ou seja, caso a mídia tome uma posição contrária aos biocombustíveis feitos do milho, mostrando os problemas que este modelo de produção poderá causar em escala mundial, o público poderá ser conduzido à percepção de que pessoas morrem de fome em decorrência da necessidade incessante do mundo capitalista por mais energia e reprodução do consumo.

Como se constatará no artigo a seguir, o diretor do Banco Mundial, pugna pela união entre os países para solucionar a crise dos alimentos. Porém, somente um pedido, que foi selecionado para este trabalho, é direcionado *especificamente* aos países desenvolvidos, aqueles que possuem maior autonomia no controle da referida crise. Seguem os trechos:⁶

Um plano de dez propostas para atacarmos a crise dos alimentos:

“Sétima proposta: nós necessitamos ação nos EUA e na Europa para diminuir os subsídios e as tarifas em biocombustíveis que são derivados de milho e grãos. *O problema dos EUA utilizar o etanol de milho é que ele consome mais de 75% do aumento da produção global deste grão nos últimos três anos.* Governantes devem considerar “medidas de segurança” para diminuir o protecionismo quando os preços estão altos. A escolha não deve ser entre comida e combustível. Caso EUA e U.E cortassem as tarifas do

etanol importado, iriam encorajar a produção de biocombustíveis feitos da cana de açúcar, que não competem diretamente com a produção de comida e expandem oportunidades para os países mais pobres, incluindo os da África. Temos que encontrar soluções para avançar à segunda geração de produtos sustentáveis.” (Tradução nossa)

Segundo os dois noticiários a seguir, publicados na revista *Financial Times*, por Javier Blas:⁷

Crise dos alimentos: uma velha preocupação reaparece.

O G8 está dividido quanto ao papel dos biocombustíveis. *O Japão diz que eles aumentam o preço dos alimentos, os EUA pensam que eles participam minoritariamente no aumento de preço dos alimentos*, enquanto os países Europeus divergem entre essas duas correntes. (tradução nossa)

Crise dos alimentos “demanda aumento na agricultura”.

Jacques Diouf, diretor-general da FAO, disse que pela primeira vez em vinte e cinco anos os preços recordes estavam trazendo incentivos políticos e econômicos para estimular o setor agrícola.”

Ele disse: “A única maneira de sairmos desta crise é aumentando a produção de comida, particularmente nos países subdesenvolvidos”. (Tradução nossa)

Os discursos supracitados apresentam as contradições presentes no confronto de interesses entre as grandes potências. Na segunda reportagem tais contradições ficam explícitas ao dizerem que o Japão acredita que os biocombustíveis contribuem para o aumento dos preços dos alimentos, enquanto os EUA acreditam que não existe tal relação. Ou seja, percebe-se a tendência, por parte da mídia estadunidense, de estimular o leitor norte-americano a sensação de que há um “inimigo econômico”, um concorrente, que aponta para sua produção e diz que ela é maléfica para o resto do mundo, e que essas acusações são falsas. Com isso, estimula-se um viés reflexivo que beira a xenofobia econômica, por vezes imbricada com a retomada do discurso tradicional pela nova direita neoliberal estadunidense. Para melhor esclarecer o que se indica como nova direita estadunidense, cite-se Anthony Giddens:⁸

[...] As ideias da Nova Direita são mais bem descritas como neoliberalismo do que como neoconservadorismo, uma vez que os mercados econômicos possuem um importante papel nelas. Para os neoliberais, o empreendimento capitalista não é mais considerado como a origem dos problemas da civilização moderna. Muito pelo contrário: ele é o centro de tudo de bom que nela existe. Um sistema de mercado competitivo não só maximiza a eficiência econômica; ele é o principal fiador da liberdade individual e da solidariedade social. Em contraposição ao Velho Conservadorismo, os neoliberais admiram o individualismo econômico e o encaram como a chave para o sucesso da democracia dentro do contexto de um Estado mínimo [...] No entanto, o individualismo competitivo, segundo os neoliberais, não pode se expandir infinitamente. Determinados contextos de vida social ficam de fora, e, ao identificá-los, os autores da Nova Direita tendem a se basear livremente no neoconservadorismo. Um Estado mínimo tem de ser um Estado forte, a fim de fazer cumprir as leis das quais depende a competição, proteger contra os inimigos externos e fomentar sentimentos de nacionalismo que sejam integradores. A Nova Direita vê muitas evidências da decadência moral na vida familiar. A família, assim como o Estado, tem de ser forte e, quando se torna fraca, os laços familiares devem ser restabelecidos. Atribui-se o declínio da família a diversas origens: a permissividade sexual introduzida na década de 1960, a indulgência dos pais, a ascensão do feminismo e a difusão pública do homossexualismo [...]

Vale ressaltar que as manchetes não apontam culpados para a crise, como foi observado em jornais britânicos e, portanto, não estimulam um ponto de vista preliminar. Entretanto, estas manchetes buscam apontar “soluções” para a crise, como os “dez pontos a serem seguidos” e o “aumento necessário na produção para sairmos da crise”. Estas produzem, inconscientemente, a mensagem de que “o mercado nos salvará”. Perceba que as soluções esperadas por qualquer das notícias citadas são saídas de cunho econômico neoliberal, pois querem maior produção – haja vista a demanda, além de clamarem por menos protecionismo por parte dos países desenvolvidos – sob o argumento de que o mercado “ajustará” o problema.

Não obstante, percebemos que juntamente às manchetes clamando por “saídas através do mercado”, não há nenhuma alusão ao problema da especulação financeira em mercados futuros, ou seja, a mídia que pede mais mercado e dá *status* de salvador da crise a este, é a mesma que “esquece” que o mercado especulativo de *commodities* também é um dos grandes causadores desta situação caótica.

O DISCURSO DA IMPRENSA ALEMÃ

Em nossa análise da mídia alemã, observamos o *site* da revista alemã *Der Spiegel*. Propositamente, retiramos apenas o trecho da reportagem onde são elencadas as causas, do ponto de vista deste veículo de comunicação, para a crise mundial dos alimentos. Segue o trecho:⁹

Grande alta mundial nos preços de alimentos acaba com planos para tirar países da pobreza.

Existem várias razões para esta crise alimentícia:

- A população mundial está crescendo constantemente, enquanto a porção de terras cultiváveis está diminuindo.
- As mudanças climáticas estão causando a perda de terras cultiváveis, irreversíveis em alguns casos, como o resultado de secas, enchentes, tempestades e erosões.
- Por causa dos hábitos alimentares, mais e mais terras cultiváveis e florestas nativas são transformadas em pasto para o gado. O rendimento por acre em calorias de terra dados por pasto são substancialmente menores do que em terras para agricultura.
- O Banco Mundial quer que países em desenvolvimento introduzam mudanças mercadológicas, incluindo a abolição de tarifas protecionistas, um movimento que frequentemente causa dano a agricultura local.
- Especuladores estão elevando os preços de matérias prima. O resultado de altos preços do petróleo são plantações de safras energéticas, ao invés de grãos ou animais com fins alimentícios.
- Milhões de pessoas desabrigadas pelas guerras civis precisam de comida, entretanto, eles não mais são capazes de produzirem seus próprios alimentos – ou seja, precisam importá-los.

Ao analisarmos este trecho, percebemos que o foco desta reportagem não está restrito a transmissão de valores mercadológicos, mas que esta assume o papel social da imprensa, ao lembrar-nos de que a crise afetará gravemente os cidadãos de países subdesenvolvidos e refugiados de guerras. É importante que a crise preocupe não somente aqueles que têm fome.

O título leva o leitor a pensar que ao menos existia um plano para retirar países da pobreza, e que este plano será adiado. Os motivos apresentados como causas para a crise dos alimentos são os que

mais se assemelham aos expostos pelo relatório da FAO, ou seja, é a reportagem que esteve mais comprometida em transmitir notícias de credibilidade para a população. Vale ressaltar que nesta reportagem foram criticados os subsídios, a ação dos especuladores nos mercados futuros, os biocombustíveis e a busca por “mais mercado” proposta pelo Banco Mundial – todos estes interesses hegemônicos em Estados diferentes.

Por isso, aos nossos olhos, esta reportagem parece estar mais próxima dos interesses daqueles que têm fome. Pois ao compararmos as reportagens dos três países, reparamos que enquanto nas outras mídias procurou-se defender interesses específicos, seja culpando os biocombustíveis ou clamando por soluções mercadológicas, observamos, na mídia alemã, a amenização de vínculos entre a mídia e o poder financeiro, ou a potencialização do compromisso discursivo típico da autonomização relativa dos entes midiáticos. Com isso, abriu-se espaço para uma mídia engajada socialmente e comprometida com a imparcialidade na transmissão dos fatos.

O DISCURSO DA IMPRENSA BRASILEIRA

Na mídia pátria, observamos dois grandes portais eletrônicos, um da revista *Veja*, e outro da revista *CartaCapital*. Nestes sites, encontramos fundamentações diferentes para explicar a crise dos alimentos.

No caso da revista *Veja*, a principal fundamentação utilizada é que “o mundo está comendo mais”, numa tentativa de culpar os países emergentes pela falta de comida em outros países subdesenvolvidos. Entretanto, o que mais chamou a atenção foi o quadro veiculado neste site, no qual se encontrava uma reportagem especial sobre a crise dos alimentos, elencando cinco motivos para a existência de tal crise. Dentre eles, o quadro que foi escolhido para ser objeto desta análise, foi o que trata da ação dos especuladores e a culpabilidade destes para a produção desta crise. Segue o texto:¹⁰

A ação dos especuladores e a queda acentuada do dólar.

No caso do trigo, o preço cresceu também em função da especulação financeira. A crise global de crédito originada nos Estados Unidos fez com que os investidores procurassem os fundos de *commodities* como

alternativa para ganhar dinheiro. Acabaram ajudando a jogar os preços para cima. Os alimentos são cotados internacionalmente em dólar. A especulação do mercado e a queda constante nos preços das ações são fatores que agravam ainda mais esse problema. A especulação retroalimenta o processo de alta no preço da comida. Outro fator que tem certo peso no problema: a cotação do dólar no mercado internacional caiu 37% nos últimos seis anos. Isso também provoca a fuga para as *commodities*.

Neste trecho, podemos observar uma sutil proteção ao capital-especulador, talvez por muitas empresas anunciantes desta revista utilizarem da bolsa de valores para captar recursos, talvez por mera posição ideológica.

A proteção midiática dada a estes atores sociais, os especuladores, nos parece começar ao observarmos a segunda frase, que diz: “a crise global de crédito originada nos Estados Unidos fez com que os investidores procurassem os fundos de *commodities* como alternativa para ganhar dinheiro.” Interpretando esta frase, e refletindo sobre as posições ideológicas muitas vezes demonstradas nesta revista, concluímos que tenta-se passar para o leitor a imagem de que estes investidores não procurariam as *commodities* em condições normais de mercado, por prever o possível dano à sociedade. A procura só se justificaria em função da crise de crédito, visto que estes atores procuraram as *commodities* como alternativa para multiplicar seu capital.

Esta revista, além de usar a crise de crédito como desculpa para os especuladores retroalimentarem a alta dos preços de comida, ainda coloca a culpa em mais uma variante do mercado: o dólar. Perceba que a imputação da culpabilidade à crise de crédito e o dólar é tão grande que a manchete fala sobre a “ação dos especuladores e a queda acentuada do dólar”, ou seja, a tentativa é de produzir um convencimento unidirecional de que os especuladores apenas “seguem as regras do jogo”. Para minimizar o papel desta forma de ação, veja que as acusações possuem um tom muito polido – pois de acordo com a reportagem a especulação apenas “retroalimenta o processo de alta nos preços de comida”, e ajuda a “jogar os preços para cima”. Em ambas as frases pode ser provocado o sentimento de que a especulação apenas complementa o “processo” de aumento de preços. A expressão utilizada pode criar a subjetividade

de que o aumento nos alimentos existiria de qualquer maneira, é algo externo, sólido, bem definido, e os especuladores apenas “foram levados a investir em tais produtos” para proteger seu capital das crises e da baixa do dólar.

Sendo assim, o discurso ideológico assumido por Veja, conforma-se com as diretrizes neoliberais das regras de mercado, num tom de absolvição dos envolvidos no jogo perante a inevitabilidade do livre mercado. Não é dito que a regra principal deste jogo é a busca máxima por lucros sem preocupação com a responsabilidade social, sem sentimentos, sem pensar que os investimentos especulativos em mercados futuros agravam a fome mundial.

Já na revista *CartaCapital*, encontramos reportagens que, no nosso ponto de vista, estiveram mais condizentes com a realidade da crise, por não alinhar-se aos interesses financeiros do capital especulativo. A reportagem citada apresenta fatos, um argumento de autoridade, e depois deixa que o leitor tire suas próprias conclusões. Seguem os trechos:¹¹

A revolta dos pobres.

Na esteira da carência mundial, entraram em cena os especuladores. A publicação dedicada a finanças *Barron's*, do grupo *The Wall Street Journal*, informou em 31 de março deste ano que ao menos 40% das apostas em mercados futuros de *commodities* estão em mãos de fundos altamente especulativos. Em razão da crise americana do *subprime*, os investidores em busca de alto retorno migraram para os contratos futuros de alimentos e metais. Para ter uma ideia da força das finanças, entre 31 de dezembro de 2004 e 31 de março de 2008, os preços futuros dos grãos e sementes deram um salto de 163%, de acordo com o conceituado índice *CRB da Reuters*.

A especulação não surgiu do nada. Tem como base a percepção de que está em curso uma mudança estrutural da economia mundial. Segundo Pedro de Camargo Neto, presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína (ABIPECS) e antigo observador das rodadas mundiais de comércio, há uma somatória de fatores que fez o mundo acordar para a questão alimentar. O programa de etanol do milho nos Estados Unidos “enxugou” muito da oferta global.

Antes mesmo disso, afirma, houve o crescimento acelerado da China, que passou a demandar toneladas de soja e fertilizantes. Assim como a Rússia, grande importadora de carne do Brasil.

Ele cita também a Austrália, que passa por seguidas secas há anos, e desabasteceu o mundo, principalmente, de leite e derivados. Por fim, a desconfiança dos ativos financeiros americanos e europeus com a crise hipotecária do subprime gerou a busca por ativos reais, como grãos e metais preciosos. “Para atender ao aumento da demanda, é preciso o mundo todo produzir mais”, diz. Camargo Neto é cético em relação aos resultados da Rodada de Doha, pelas iniciativas protecionistas que se multiplicam mundo afora.

Para o empresário, os arcabouços de organização global, representados pelo FMI, Banco Mundial e Organização Mundial do Comércio, por exemplo, enfrentam uma crise por ter sido criados para atender às iniciativas das nações ricas. Como o eixo do poder está se movendo em direção aos emergentes, cujas demandas ganharam fôlego, as negociações emperram.

Veja que nestes trechos da reportagem a revista *CartaCapital* também cita os especuladores, dá causas para a especulação e elenca esta prática como contribuinte para a crise dos alimentos. Perceba a diferença existente entre as duas reportagens, enquanto a primeira apresenta sua opinião, com embasamento muito mais doutrinário que factual, a segunda apresenta conceituados índices internacionais, além de chamar um argumento de autoridade, proveniente de um “antigo observador das rodadas mundiais de comércio” para expressar sua opinião sobre a ação dos especuladores.

Perceba que a inserção de uma voz nesta reportagem nos leva a pensar sobre quem está falando, sobre sua ideologia, profissão, idade, meio social. Esta voz está sujeita a críticas, diferentemente da ocasião em que o meio de comunicação toma para si a opinião – pois assim muitas críticas são reprimidas, e poucos “ousam” discordar dos grandes meios, pela credibilidade que estes possuem.

CONCLUSÃO

Pensar soluções jurídico-políticas para os grandes desafios que afligem a humanidade é hoje, antes de tudo, uma questão de decodificação

midiática. As novidades tecnológicas, impulsionadas na fase mais recente do capitalismo, tornaram a mídia o campo mais influente na decodificação preliminar da realidade, causando intromissões teleguiadas na conduta política.

O contributo midiático é ambivalente. Se por um lado informa e, com isso, possibilita conexões intersubjetivas mesmo no sentido emancipatório, por outro, tende a direcionar a formação da opinião pública de acordo com seus vínculos político-econômicos subjacentes.

O atual discurso tecnicista, presente no meio midiático, permeia a sociedade pós-moderna, e serve de argumento aos grandes grupos de comunicação na desvirtuação do debate político autônomo. E disto resulta o próprio estrangulamento da utopia democrática representativa, erigida com a modernidade.

A fragilização do poder regulador do Estado perante o poderio econômico global, volátil, inalcançável, ocorreu com a substituição do Estado do bem-estar pelo Estado neoliberal, a partir da década de oitenta do século passado. Neste contexto, a regulação dos entes midiáticos tornou-se mais problemática, e a subsunção do discurso ético aos interesses dos poderes econômicos supranacionais manifestou-se de forma mais evidente.

A ausência de efetividade no âmbito do controle público sobre os meios de comunicação prejudica a formação intersubjetiva do cidadão, restringida pelo controle abusivo da mass media por grandes conglomerados econômicos. O germe midiático que arruína a representação política é a “dessintonia” entre a atuação do agente político e os anseios do eleitor, envolta na apresentação da política-espetáculo, na qual o político diz aquilo que agrada ao eleitor, e o que agrada ao eleitor é produzido e distribuído por meio das representações midiáticas que instigam a formação da sua vontade.

Nesse contexto se insere, dentre outras, a problemática da fome mundial. O enfrentamento da questão carece, em primeira instância, da compreensão ampliada dos seus aspectos essenciais e, para isso, faz-se necessário remover os empecilhos à afirmação ética do princípio da imparcialidade jornalística.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Tradução, Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, 213 p.

BLAS, Javier. Food crisis demands agriculture aid rise. **Financial Times**. 2 jun. 2008. Disponível em: < www.ft.com >. Acesso em: 22 de outubro de 2008

BLAS, Javier. Food crisis: An old worry creeps back in. **Financial Times**. 6 jul. 2008. Disponível em: < www.ft.com >. Acesso em: 22 de outubro de 2008

CHAKRABORTTY, Aditya. Secret Report: Biofuel caused food crisis. **The Guardian**. 3 jul. 2008. Disponível em: <www.guardian.co.uk>. Acesso em: 25 de outubro de 2008

CRISE dos Alimentos. **Veja**. Disponível em: <www.veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-dos-alimentos/index.html> Acesso em: 24 de outubro de 2008

ESTEVES, João Pissara. **A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas**. Lisboa: edição: Fundação Calouste Gulbenkian; composição e impressão: Soc. Ind. Gráfica Telles da Silva, 1998, 497 p.

FOOD shortage rises with prices. **Oxford Analytica**. Disponível em: <www.forbes.com/2008/04/14/food-prices-china-biz-cx_0415oxford.html>. Acesso em: 20 de outubro de 2008.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. Tradução, Alvaro Hattner – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996, 296 p.

PERGUNTAS mais frequentes sobre a crise dos alimentos. **FAO**. Disponível em: <www.fao.org.br/faq_alimentos.asp>. Acesso em: 20 de outubro de 2008.

PINHEIRO, Márcia e ATHAYDE, Phydia. A revolta dos pobres. **CartaCapital**. 30 abril 2008. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=7&i=765>. Acesso em: 25 de outubro de 2008.

THE fury of the poor. **Der Spiegel**. 14 abril 2008. Disponível em: <www.spiegel.de/international/world/0,1518,547198,00.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2008.

ZOELLICK, Robert. A 10 point plan for tackling the food crisis. **Financial Times**. 29 maio 2008. Disponível em: <www.ft.com>. Acesso em: 22 de outubro de 2008.

NOTAS

- 1 ESTEVES, João Pissara. **A ética da comunicação e os media modernos**: legitimidade e poder nas sociedades complexas. Lisboa: edição: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 29.
- 2 Ibid., p. 149.
- 3 CHAKRABORTTY, Aditya. Secret Report: Biofuel caused food crisis. **The Guardian**. 3 jul. 2008. Disponível em: <www.guardian.co.uk>. Acesso em: 25 de outubro de 2008.
- 4 FOOD shortage rises with prices. **Oxford Analytica**. Disponível em: <www.forbes.com/2008/04/14/food-prices-china-biz-cx_0415_oxford.html>. Acesso em: 20 de outubro de 2008.
- 5 BAUMAN, Zygmunt. **Em busca da política**. Tradução, Marcus Penchel – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p. 35.
- 6 ZOELLICK, Robert. A 10 point plan for tackling the food crisis. **Financial Times**. 29 maio 2008. Disponível em: <www.ft.com>. Acesso em: 22 de outubro de 2008.
- 7 Ibid.
- 8 GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. Tradução, Alvaro Hattner – São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 44, 46, 47.
- 9 THE fury of the poor. **Der Spiegel**. 14 abril 2008. Disponível em: <www.spiegel.de/international/world/0,1518,547198,00.html>. Acesso em: 23 de outubro de 2008.
- 10 CRISE dos Alimentos. **Veja**. Disponível em: <www.veja.abril.com.br/idade/exclusivo/crise-dos-alimentos/index.html> Acesso em: 24 de outubro de 2008.
- 11 PINHEIRO, Márcia e ATHAYDE, Phydia. A revolta dos pobres. **CartaCapital**. 30 abril 2008. Disponível em: <www.cartacapital.com.br/app/materia.jsp?a=2&a2=7&i=765>. Acesso em: 25 de outubro de 2008.

Artigo recebido em: 28/01/2010

Aprovado para publicação em: 10/02/2010